

A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

THE STRUCTURAL CRISIS OF CAPITAL

Gláucia Maria Ribeiro de Souza 1

Em seu livro, *A Crise Estrutural do Capital*, 2 ed. 2011, o Húngaro, István Mészáros (1930 – 2017), nascido em Budapeste; filósofo, e autor de inúmeros livros, dedicou sua vida acadêmica à crítica ao capitalismo, e, a defesa de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em sua obra, *crise estrutural do capital*, Mészáros (2009), afirma que o capitalismo vivencia uma crise estrutural do seu sistema desde a década de 1970, pois, “não pode ser superada nem com a aplicação de trilhões de operação de resgate dos Estados Capitalistas.” (MÉSZÁROS, 2009, p. 137)

Segundo o autor as crises cíclicas coexistem com a crise estrutural, por vezes instaurada, visto que estas primeiras são inerentes ao ciclo de reprodução do capital. Entretanto, a crise estrutural do capital vivenciada a partir da década de 1970, difere-se por se tratar de uma crise global, e ainda, uma crise que “se faz valer ativando os limites absolutos do capital como modo de reprodução social metabólica” (MÉSZÁROS, 2009, p. 136), estando presente nas diversas facetas da sociabilidade humana, seja no social; econômico; político; ideológico e cultural, Silva (2017).

As medidas tomadas pelos governos nacionais, em conformidade ao receituário neoliberal “prescrito” por países imperialistas – majoritariamente Estados Unidos – aos demais países do mundo, primeiramente pelo acordo de Breton Woods, e à posteriori pelo Consenso de Washington, principalmente por este último, via instituições do FMI e Banco Mundial, conformam o atual cenário macroeconômico e geopolítico do mundo.

O receituário neoliberal, com indicações a serem seguidas pelos Estados nacionais, tais como de privatização; desregulamentação; financeirização, e outros, constituem às bases do atual capitalismo imperialista hegemônico. Para um autor contemporâneo, o geógrafo David Harvey (2004), a sobreacumulação de capital, principalmente, no âmbito da reprodução expandida, fomentou na esfera do capitalismo global sob a égide do aparato estatal das nações – enquanto suporte ao processo contínuo de expansão do capital –, a expansão especulativa do capital financeiro.

Mészáros, coaduna com essas constatações elaboradas teoricamente no âmbito da crítica ao capitalismo. Para este, o suporte financeiro disponibilizados aos países, via tomada de empréstimos do FMI e banco mundial sob a hegemonia norte americana no pós-guerra, culminou em um processo de aumento significativo da dívida pública, bem como, da especulação financeira sob o aparato dos juros em concomitância com a expansão do capital financeiro sobreposto à capacidade produtiva real.

Em um contexto de especulação financeira, e acumulação fictícia de capital que se valoriza por si mesmo, entende-se que, “esperar uma solução feliz para esses problemas vinda das operações de resgate do Estado capitalista seria uma grande ilusão” (MÉSZÁROS, 2009, p. 25).

Mészáros chama a atenção para o fato de que o mundo se encontra sob “enorme insegurança financeira”, e que as dívidas públicas dos países da OCDE nas décadas de 1974 a 1994 aumentaram de 31% para 75%, demonstrando assim, o problema astronômico instaurado às economias reais, pelo processo de expansão do capital financeiro futuro, ou seja, fictício.

Dado o exposto, Mészáros ressalta que é necessária uma mudança de estrutura, visto que, no contexto de domínio imperialista quando o diálogo não assegura os interesses dominantes estes são assegurados pela força militar. Entretanto, todavia o autor adverte que é impensável uma terceira guerra mundial para resolver a crise capitalista, por se tratar de um risco incontestável à existência humana – tanto no plano militar, quanto ecológico.

O autor ressalta que os riscos estão para além da crise estrutural do capital, é inerente à própria ordem sociometabólica do capital, que ameaça com a possibilidade de “autodestruição da humanidade, tanto pela via militar, quanto pela destruição ecológica.” (MÉSZÁROS, 2009, p. 29).

Mészáros ressalta a importância da consciência acerca dos limites do capital, uma vez que, – diante dos riscos evidentes de destruição em massa pela via do poder bélico com capacidade de aniquilação nuclear, bem como, a destruição ecológica pela via do uso irresponsável, predatório do meio ambiente – “os limites do capital colidem com os limites da própria existência humana” (MÉSZÁROS, 2009, p. 57).

Destarte, para Mészáros a solução não pode ser intentada por via de medidas neokeynesianas, pois, trata-se de uma solução rasa, paliativa. O autor propõe uma mudança estrutural, pela “adoção de uma estratégia socialista radical”, bem como a ingerência de ações planejadas na indústria e na

política.

Deste modo, valida-se as forças políticas extraparlamentares que agregam apoio a “participação política parlamentar radical”, defesa das massas populares e de uma nova ordem sociometabólica, bem como da tomada de consciência de classe por si, da “classe comunista” Mézáros (2009).

Superar o modelo divisório e de predominância dos interesses setorialistas é “condição vital para que a classe assuma a responsabilidade por tornar-se uma alternativa histórica estrategicamente viável, sem a qual nenhuma das questões fundamentais da crise estrutural global de agora poderá ser resolvida” (MÉSZÁROS, 2009, p. 151).

Defende-se mudanças substanciais, uma mudança estrutural do modelo de produção e reprodução da vida em sociedade, e não apenas reformas neokeynesianas. Para tanto, o autor analisa que é necessário o aprofundamento da educação política; “a unificação do “braço sindical” da classe ao seu “braço político” (MÉSZÁROS, 2009, p. 155), numa perspectiva clara de busca pela emancipação humana e “radicalização do movimento sindical”.

Considerações Finais

Mézáros, ressalta a importância das obras de Karl Marx para o entendimento do atual contexto no século XX e XXI. Afinal, como suscita Marx – Em o dezoito brumário de Louis Bonaparte (1852) –, “Os homens fazem a sua história, mas não a fazem sob circunstâncias de suas escolhas e, sim, sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.”

As análises feitas por Mézáros, neste livro, *A Crise Estrutural do Capital*, apresentam-se de grande importância ao entendimento das nuances que perpassam a conjuntura macroestrutural política, econômica e social da sociedade capitalista contemporânea.

Referências

MÉSZÁROS, István. **A Crise Estrutural do Capital**. 2ª ed. São Paulo: BOITEMPO, 2009.

HARVEY, David, **O Novo Imperialismo**. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. 1ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Expropriação de Direitos Trabalhistas e Previdenciários em Favor da Lucratividade do Capital**. Rev. Praia Vermelha, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 179-209, 2017.

Recebido em 21 de setembro de 2019.

Aceito em 20 de janeiro de 2020.